

QUEBRA-CABEÇA

Por mais que não gostasse, Lorena estava acostumada a atrair os olhares alheios, seja pela beleza em que ela não acreditava, seja pelo estranho hábito de nunca se fitar no espelho. Os amigos antigos não insistiam mais no assunto, mas havia sempre um ou outro novato a se espantar com sua decisão inusitada e a enchê-la de perguntas.

O verdadeiro motivo guardava Lorena só para ela. Era filha única. Seus pais, Grace e Ronald, estavam casados há cinco anos e não tardou por parte do esposo a cobrança de um filho. Grace tinha pavor à ideia de ser mãe. Era muito vaidosa e não queria dar à luz um monstrinho que destruísse aos poucos, ao longo de nove meses, seu corpo esbelto e firme. Tratou de simular uma esterilidade. Seus planos frustraram-se quando Ronald ameaçou se separar de Grace em busca de uma mulher saudável que pudesse lhe dar herdeiros. Ela, então, cedeu à pressão, dispondo-se a ter somente um filho. Desejava que fosse um menino para não competir com ela em beleza e graça. Para sua raiva, no sexto mês, descobriu que estava grávida de uma menina.

O ciúme veio ainda na barriga. Era insuportável ver a atenção que Ronald dava à filha. Ainda por cima ter de suportar ele alisando sua barriga enorme que esticava feito um balão. Não suportava mais se olhar no espelho naquele estado, feito uma porca roliça prenhe de um filhotinho indesejado.

Bastou Lorena nascer para ser ainda mais desprezada pela mãe. Grace teve depressão pós-parto. Ninguém nunca descobriu se era fingimento ou não, como a suposta esterilidade. Entretanto, a repulsa da mãe pela filha era tão grande que não foi difícil de acreditar.

A filha cresceu com os cuidados do pai e dos empregados. A mãe estava por perto, no entanto. Mesmo pequena, a menina sentia que a mãe não gostava dela. A intuição se constatou quando a menina completou doze anos, o início da puberdade. Para Grace, era diretamente proporcional, quanto mais bela a filha ficava, mais ela própria envelhecia. Doente, a mãe precisava que a menina sentisse a dor que ela enfrentava sempre

que alguém fazia um elogio para a filha. Passou a repetir infinitas vezes sobre sua feiúra, quando não havia ninguém por perto. Encheu o quarto da menina de espelhos e fazia uma visita matinal no recôndito da garota para mostrar-lhe o quanto ela era uma criatura abominável. Falava de cada parte sua. Do cabelo ressecado, do nariz torto, do rosto assimétrico, dos lábios finos demais, dos olhos cor de mel tristes, do corpo magro.

Quando Lorena completou dezesseis anos, os pais faleceram em um acidente de carro. Ela, como filha única, não teve de brigar na justiça com vários irmãos pela herança. A primeira medida que tomou foi destruir todos os espelhos da casa, sobretudo, os do seu quarto. Desde então, nunca mais se olhou no espelho.

Foi em uma exposição de arte, que Lorena conheceu Felipe. Ele veio junto com seus amigos; era fotógrafo. Apesar de saber da fama de Lorena, não demonstrou sequer a mínima curiosidade. Ela ficou esperando a qualquer momento o interrogatório que não veio. Pelo contrário, Felipe fez questão de se manter distante o suficiente para causar estranhamento nela. Ele era calado. Estava de calça jeans e camiseta, com uma máquina fotográfica pendurada no pescoço. Só tinha olhos para os quadros e as esculturas.

Entraram os dois sozinhos em uma sala branca à direita, afastando-se do grupo. Era uma exposição de mosaicos. O rosto de Felipe resplandeceu junto dos pequenos pedaços de azulejos, que brilhavam vez ou outra com a menor mudança de luz. Não conteve os gestos, nem se importou de perder o semblante impassível e observador. Lorena seguia-o, guardando uma pequena distância do rapaz. Ele posicionou-se em frente a uma escultura redonda colorida, enquadrando o objeto e fotografou-o. Ela aproximou-se dele aos poucos, quando percebeu que ele contemplava um espelho. Recuou de imediato. Teve ímpeto de dar as costas e sair da sala. No entanto, o comentário furtivo de Felipe despertou a curiosidade de Lorena.

– A beleza está nas partes... Consegue perceber?

– O que quer dizer com *as partes*? – ela perguntou intrigada, mas ainda com um certo desconforto na voz.

- A beleza do mosaico está nas partes. Se pegássemos uma parede cheia de azulejos azuis, por exemplo, ela seria uma mera parede em sua completude. Mas os artistas pegam os pedacinhos, os restos de azulejos, alguns até mesmo quebrados, prontos para ir para o lixo, e formam outra coisa, já não são mais meros azulejos. É obra de arte. Quanta beleza! – Felipe falava olhando para os objetos que refletiam, às vezes, as cores nos seus olhos.

Ela emudeceu diante dos comentários de Felipe e daquela beleza fragmentada. Continuaram a exposição. Ele falando, ela ouvindo.

- O mesmo pode ocorrer com a fotografia. É possível dissociar as partes do todo, formar outra imagem, outra pessoa. Heterônimos. Nunca pensou nisso? – mas as perguntas que ele fazia eram retóricas, fruto de um raciocínio estritamente calculado para conseguir o que se deseja, e arrematou a fala dizendo – É possível fotografar as distintas partes a fim de fragmentar o todo para desconstruir a imagem...

Felipe falava de mosaicos ou dela?, perguntava-se Lorena. Entretanto, aquela voz morna e convidativa de Felipe instigava cada vez mais sua curiosidade.

- Você pode testar, se quiser. E, antes que diga qualquer coisa, ver sua imagem, ou partes dela, não é o mesmo que se olhar no espelho. O espelho costuma deformar a pessoa, torná-la assimétrica, revelar o que há de pior em você, acredite em mim. A fotografia é diferente. Ela captura o detalhe, as pequenas belezas ocultas. Depois poderemos compor um mosaico.

O silêncio predominou entre eles. Ela pensativa, inquieta. Ele impassível, seguro do que queria, não tinha pressa. Por fim, ela disse:

- Quando podemos fazer?

- Agora mesmo. Meu estúdio é aqui perto.

O silêncio dos dois foi quebrado quando Felipe colocou uma música lenta no estúdio. Sentiu uma melancolia leve, lembrou-se da mãe. Livrou-se rapidamente dos pensamentos quando ele soltou seus cabelos e sussurrou em seu ouvido:

– Relaxe...

Ele fotografou cada parte sua, começando pelas que ela tinha uma maior empatia para deixá-las mais à vontade. Depois, passou a fotografar as partes que mais a inquietavam. Era fácil perceber pelos gestos de Lorena. Curvava-se ou escondia-se com o próprio corpo, quando estava incomodada. Porém, ela já se sentia tão plenamente relaxada que nem notou o aumento do fluxo de luz no estúdio. Ela só pensava na fragmentação da imagem, no abandono da completude, no ato libertador que cometia naquele momento. Ela não era mais a Lorena, era outra coisa, um mosaico.

No fim do ensaio, ele mostrou a ela todas as fotos: vis-à-vis. Antes de ir, ele entregou-lhe um arquivo com todas as fotos. Despediram-se silenciosamente. Ela lançou-lhe um último olhar, ainda na porta, e foi embora. Sozinho, ele jogou-se na cama com a câmera fotográfica na mão. As fotos ainda estavam lá. Passou uma a uma, imaginando-as quando, após reveladas e ampliadas, poderia montar o quebra-cabeça.

Vanessa Paulino Venancio Passos